



*Pe. Olímpio Gabriel
Martins Ferreira*

* São João del-Rei/MG, 2 de maio de 1927
+ Belo Horizonte/MG, 2 de janeiro de 2006

“A gente vem, escreve uma historinha e vai.”

Oscar Niemeyer

A CHEGADA

Olímpio Gabriel Reis Martins Ferreira chegou ao abençoado lar dos Reis Martins Ferreira no dia 2 de maio de 1927, na cidade de São João del-Rei, MG, onde foi batizado em 18 de outubro do mesmo ano.

Filho do Dr. Joaquim Martins Ferreira, médico, cientista e pesquisador do Instituto Manguinhos-RJ, hoje Fundação Instituto Oswaldo Cruz – Fiocruz, e de D^a Hilda da Silva Reis Martins Ferreira, tinha como irmãos: o Prof. Dr. Hiss Reis Martins Ferreira, catedrático da UFRJ, médico e cientista renomado na área da neurociência; Dr. João Batista Reis Martins Ferreira, médico oftalmologista; Dr. Joaquim Reis Martins Ferreira, químico especializado na área de petróleo (falecido); e Sra. Margarida Maria Reis Martins Ferreira, professora de línguas e técnica em química (falecida).

Olímpio é neto de banqueiros, fazendeiros, industriais e comerciantes, sendo seu avô materno fundador do Banco da Lavoura de Minas Gerais, hoje Banco Real, e bisneto do Barão de Ingaí, senhor de terras e escravos no Sul de Minas Gerais.

Era carinhosamente apelidado em família de “Tintinho”.

A HISTÓRIA SALESIANA DO OLÍMPIO

A vida é um livro enorme, doloroso, bizarro e tocante, que se oferece aos nossos olhos: cada um dos seres que avizinhamos acrescenta uma linha.

A primeira linha da história salesiana do Olímpio foi escrita com sua entrada no noviciado, no Instituto Coração Eucarístico, em Pindamonhangaba, SP, em 30 de janeiro de 1944, coroado com a primeira profissão religiosa em 31 de janeiro do ano seguinte.

Capítulos importantes se seguiram, com o tirocínio no Instituto de Pedagogia e Filosofia Dom Bosco, em São João del-Rei (1948-1950), a profissão perpétua em 1º de novembro de 1950, ordens menores em 1952, diaconato em 3 de abril de 1954 e presbiterato em 8 de dezembro do mesmo ano.

O apostolado sacerdotal

Numa síntese de feliz inspiração, voluntárias do Programa da Casa Dom Bosco traçam o itinerário apostólico sacerdotal do Pe. Olímpio:

“Meu fraterno e cordial boa-tarde.”

Assim falava Gabriel Martins Ferreira, nosso querido Padre Olímpio. De vida simples, humilde e manso de coração. Bravo nas injustiças. Sempre festivo. “Um louco de Deus” na causa dos excluídos.

Em sua caminhada na missão cristã salesiana, foi professor em São Paulo, trabalhou em paróquias do Rio de Janeiro (Niterói, Rocha Miranda, Campos e Resende); em Minas Gerais, passou por São João del-Rei, Centro Inspetorial, bairro Cabana e Casa Dom Bosco, em Belo Horizonte.

Por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1987, cujo tema era “Quem acolhe o menor a mim acolhe”, Padre Olímpio celebrava missas nas comunidades, falando de crianças e adolescentes de rua, abandonados, negros, pobres e excluídos. Usava vídeos, fitas, fatos e fotos sobre o assunto. Ao final, convocava as pessoas para o trabalho de doação para a

Casa Dom Bosco e logo funda o “Grupo Mamãe Margarida”, hoje equipe de voluntários(as) do Programa Casa Dom Bosco.

Todos os ensinamentos da vida e obra de Dom Bosco foram feitos através do exemplo e da convivência diária junto aos jovens de rua, consolidando em nós o aprendizado da verdadeira Assistência-Presença. O Sistema Preventivo era praticado na ênfase ao protagonismo juvenil, no pátio com os meninos, nos teatros, nas missas encenadas.

Deu continuidade à formação dos educadores, apresentando-nos o amor ágape, única fonte de verdade. Dizia ele: “Só chegaremos ao Pai pelos caminhos do amor, da caridade e da sabedoria, através do perdão, da tolerância, da disponibilidade, da doação, por exemplo, de sangue e do corpo e, esta, como a última caridade fraterna.

De volta à Casa do Pai, deixa um presente: o Arquivo Documental e Museu Histórico da Casa Dom Bosco. Fruto de amor à causa. Objeto direto de estudos, pesquisas e de luta incansável por políticas públicas para os jovens em situação de abandono.

Padre Olímpio, saudades eternas.

“Fiquem com Deus e com os irmãos, amém! Aleluia.”

(Texto lido na missa de corpo presente).

Pe. Olímpio, um homem singular

Escreve um contemporâneo seu: “Acho tão gostoso falar do Pe. Olímpio”. Gostoso, mas muito difícil, pelo seu “jeitão” de ser, pelo seu “jeitão” de agir.

E, continua o simpático amigo, Rogério de Almeida Cunha: “Pe. Olímpio não vivia no presente, passeava firmemente por ele, buscando insistentemente o futuro, numa lucidez de que vi resultados fascinantes na entrevista com Roberta Zampetti – TV Minas – de que participou como portador do mal de Alzheimer. Conheço várias pessoas em situação parecida com a dele, mas nenhuma com tanta tranqüilidade, tanto realismo e coragem e sensata administração das características próprias do estado de saúde.

Lembro-me sempre dele na piscina: era um espetáculo vê-lo nadar *crawl*. Houve uma época em que pulava corda de manhã, uma hora todos os dias. Não mantinha a saúde simplesmente pelo prazer de viver são, era uma espiritualidade, uma maneira de ser, de quem sabia ter um lugar e um papel a cumprir. Não era a insistência de quem acha que tem uma ‘missão’, era a sensatez de quem tem consciência de si no mundo.”

E Pe. Olímpio tinha nítida consciência de sua missão, pela qual empenhou toda a sua vida. O desperdício da vida está no amor que não damos, na prudência egoísta que nada arrisca. Na verdade, ele arriscou-se e, seguramente, deve ter tido grandes momentos de felicidade. Quem se economiza vive de forma não realizada, o que acontece com a maioria de nós.

Alegria, positividade e curiosidade intelectual o caracterizavam. Era um leitor obstinado. Andava sempre com livro na mão, juntamente com agenda. Desdenhava a norma de que não se deve sublinhar palavras e frases à primeira leitura. Os livros que lhe caíam em mãos recebiam anotações e comentários de toda sorte à margem do texto.

Estava convencido de que não se pode ser testemunha da miséria dos outros, sem fazer algo para ajudá-los. Estava aberto ao mundo e às suas constantes mudanças.

O apóstolo da caridade fraterna

Assim narra Pe. Olímpio a abertura de seu coração aos irmãos afro-brasileiros:

“Foi em 1987 que iniciei essas reflexões (*sobre a caridade fraterna na Bíblia e na Igreja Católica*). Nesse ano, eu era pároco na paróquia salesiana de Santa Bárbara, em Rocha Miranda, Rio de Janeiro. Sabendo que o senhor cardeal da Arquidiocese do Rio de Janeiro não estava aceitando as orientações da CNBB para a Campanha da Fraternidade do ano seguinte, sobre o problema da negritude no Brasil, resolvi antecipar a preparação das lideranças da minha paróquia para aquela difícil campanha.

Para isso, convidei, em novembro, a equipe do Frei Davi, franciscano, que atuava na Baixada Fluminense, para nos esclarecer a respeito dos problemas afro-brasileiros, especialmente sobre o racismo e sobre a Pastoral Afro.

Foi nessa ocasião que meu coração se abriu para meus irmãos afro-brasileiros.

Discutimos muito com Frei Davi e com outros colegas presbíteros, consagrados e leigos sobre como explicar, à luz da fé, o fenômeno de quase quatro séculos de escravidão de indígenas e negros, promovida por quase todas as nações cristãs (católicas e evangélicas) da Europa em todas as suas colônias: portuguesas, espanholas, inglesas, etc.

Minha reflexão se orientou nessa direção: mesmo levando em conta todas as influências culturais e históricas (que compreendo bem, tendo o título de Professor de História do Brasil), não haveria também uma raiz mais profunda, mais ligada à evangelização, à catequese, à formação do clero, à liturgia eucarística e sacramental?

Como, na dimensão da fé cristã, entender esse fato histórico? Como milhões de leigos, consagrados, presbíteros, bispos e papas, durante quatro séculos, conseguiram absorver o trabalho escravo, tão dissonante, paradoxal, com o espírito e o exemplo de Jesus Cristo? Como aqueles relativamente poucos leigos, consagrados religiosos, presbíteros e até bispos que tentaram reagir foram abafados?

Foi, então, que comecei a perceber que em todas essas circunstâncias, há uma omissão sistemática sobre o “mandamento especial de Jesus”, que é o “mandato”, o mandamento do “amor fraterno”, o “meu” mandamento, o meu “novo” mandamento, “nisto” conhecerão todos que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros como Eu os amei.

A partir dessa data, comecei a reler os evangelhos, os Atos e as cartas, pesquisando nelas esse aspecto. Foi, então, que tomei consciência de que também eu nunca tinha notado essa acentuação especial, intencional de Jesus sobre a fraternidade. Daí, parti para examinar:

- os textos de Teologia, sobretudo de Teologia Moral, os vários textos de catequese para a primeira eucaristia, para a perseverança, para a crisma;
- dei uma conferida nos livros de espiritualidade em geral, nos livros de formação de futuros presbíteros ou de consagrados(as) religiosos(as);
- passei também a examinar esse pormenor nas orações oficiais da nossa Igreja, quer na liturgia eucarística, quer na liturgia dos sacramentos;
- pesquisei também nas orações e devoções não litúrgicas, mas incentivadas pela Igreja (p. ex. a devoção ao Coração de Jesus e as várias devoções a Nossa Senhora);
- por fim, dirigi minha observação para os cantos usados em nossas celebrações, quer nas celebrações litúrgicas, quer nas celebrações populares, quer nos encontros de oração nos retiros.

Por causa das constatações feitas nas pesquisas acima, procurei aprofundar meus estudos um pouco no Antigo Testamento e muito mais no Novo Testamento, tentando detectar as referências ao amor fraterno. É incrível como constatei que não percebia com a devida acentuação as referências ao amor fraterno. Hoje, com a ajuda de vários amigos, estou tentando fazer um levantamento estatístico de todas as referências de Jesus Cristo ou do escritor sagrado, com relação a Deus ou com relação ao amor fraterno.

Foi, então, que comecei a perceber uma constatação que nunca tinha notado:

- como na liturgia (eucaristia, ofício divino, devoções oficiais e populares, quer nos textos, orações e cantos);
- como nos textos para a evangelização e catequese;
- nos textos para a formação de consagrados religiosos(as), de presbíteros, dos membros de associações religiosas;
- nos livros das editoras católicas;
- até mesmo nas constituições e regulamentos de ordens e congregações religiosas eu não encontrava uma acentuação, uma valorização, um

destaque, e até em muitos encontrei uma omissão sistemática sobre o mandamento do amor fraterno, que é o “mandato especial de Jesus”, o “seu” mandamento, o “novo” mandamento, aquele que é o “distintivo” de seus discípulos: “Nisto conhecerão todos que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros, como Eu os amei” (Jo 13,17).

(Essa constatação do Pe. Olímpio está registrada nos livros litúrgicos, de oração e de cantos em uso na nossa comunidade, através de comentários, acréscimos, correções e sugestões de alterações).

A importância do amor fraterno só será devidamente compreendida e valorizada, se vista no contexto mais amplo do fenômeno religioso cristão, todo centrado na Encarnação de Deus no Homem Jesus Cristo. Deus, para fazer o homem chegar até Ele, para fazê-lo participar de sua vida divina, Ele, por primeiro, veio participar fraternalmente da vida dos homens. Aí surge o misterioso sinal da cruz: duas hastes que se encontram, se completam. Encarnação, que chega ao ato heróico da fraternidade divina na morte e ressurreição de Jesus Cristo na cruz, o que exige de nós uma resposta também generosíssima de amor para com nossos irmãos. Se assim Ele nos amou, também nós devemos amar, até dar a nossa vida.

A CAMINHO PARA A CASA DO PAI

Foi em 2003 que Pe. Olímpio começou a sentir os sintomas da vulnerabilidade, da variabilidade, da irreversibilidade, da doença. As reações à doença costumam ser de revolta, de mágoa, de silêncio, de surpresa, de recusa, de histeria, de culpa, de serenidade.

No caso do Pe. Olímpio foram de serenidade. São muito bonitos os sentimentos expressos abaixo, de que a morte não é eterna e de que, quando nos encontramos com Deus, tornamo-nos belos.

Carta dos últimos desejos de Olímpio Gabriel Martins Ferreira, sdb, presbítero

Belo Horizonte, 8 de dezembro de 2003.

Festa da Imaculada Conceição de Maria

Fundação das Obras de Dom Bosco

49º aniversário de ordenação presbiteral, na Sé Catedral de São Paulo,
8 de dezembro de 1954

Louvo e agradeço a bondade de Deus que me dá esta oportunidade de completar 76 anos e 7 meses de vida, de chegar aos 59 anos de consagração religiosa na Congregação Salesiana e aos 49 anos de presbítero salesiano.

Louvo e agradeço a Deus, neste dia 8 de dezembro, por ter dado ao mundo e à Igreja a Santa Mãe de Jesus, nossa querida Mãe Auxiliadora, à qual também eu devo tantos favores e proteção.

Aproveito desta data para iniciar esta carta de meus últimos desejos. Já tinha rascunhado uma carta há três anos, que foi perdida em minha viagem para a comunidade salesiana de Resende, RJ. Agora estou redigindo esta carta mais amadurecido, com mais experiência das limitações da “terceira idade”, tendo tido alguns problemas graves de saúde neste ano de 2003 e tendo me preparado melhor com oração, reflexão e leituras apropriadas.

Como alicerce das decisões que apresentarei neste documento, quero renovar minha profissão de fé humana no valor do universo, da comunidade humana, de minha vida pessoal, com suas riquezas, limitações e até erros.

Quero renovar minha fé no mistério de Deus, de Jesus Cristo, seu Enviado e nosso Salvador e também em nossa Igreja una, católica, apostólica, santa e pecadora.

Quero agradecer a todos que colaboraram para minha existência, minha educação humana, cristã, católica e salesiana, especialmente a meus pais e familiares e a meus educadores na Congregação Salesiana, quer

na Inspeção N. Sra. Auxiliadora em São Paulo, quer na Inspeção São João Bosco, quer na Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção, em São Paulo.

Quero agradecer a Deus e à Congregação pela oportunidade de trabalhar em vários setores, especialmente na pastoral vocacional, como educador e professor em casas de formação salesiana, no Secretariado Vocacional Salesiano da Inspeção de São Paulo e da CNBB, em parceria com a CRB, em níveis regional e nacional. De modo muito acentuado, quero agradecer a oportunidade que tive de trabalhar entre crianças, adolescentes e jovens pobres nos oratórios festivos e pelos adolescentes e jovens em situação de risco social, particularmente nas unidades do Programa Casa Dom Bosco.

Por fim, quero, com toda sinceridade, pedir desculpas e perdão pelos meus pecados e omissões, incluindo os males ou pelas tristezas que causei a tantas irmãs e irmãos.

Segundo orientações de autores especializados e dos conselheiros que consultei, por meio deste documento, peço que estes meus últimos desejos, sobretudo os que se referem a alguma enfermidade bem grave ou terminal, sejam atendidos pelo inspetor salesiano e pelo ecônomo inspetorial da Inspeção São João Bosco, sediada em Belo Horizonte. Cópia dela será também enviada aos meus dois irmãos de sangue, Dr. Hiss Martins Ferreira e Dr. João Batista Martins Ferreira, atualmente residentes na cidade do Rio de Janeiro.

Antes de especificar as opções que estou fazendo, devo declarar que as faço de livre e espontânea vontade, em pleno uso de minha inteligência, consciência e emotividade, sem influências indevidas de outras pessoas. Devo também acrescentar que estes meus últimos desejos foram por mim avaliados à luz de minha fé humana e, sobretudo, à luz da revelação cristã sobre a limitação de minha vida terrena pela morte e sobre minha crença na vida após morte, vida nova, eterna, plenificada, por Cristo, com Cristo e em Cristo Ressuscitado.

- a) Meus últimos desejos referentes aos bens a mim confiados:
1. quanto aos objetos e roupas de uso pessoal, que os membros de minha comunidade salesiana deles disponham como acharem melhor;
 2. quanto aos objetos mais diferentes: imagens, alguns objetos mais raros, fotografias, livros, apontamentos e escritos meus, sejam remetidos para o Centro de Documentação e Pesquisa Salesiana, em Barbacena, MG, que fará sua seleção e aproveitamento;
 3. quanto ao grande acervo do Arquivo Documental e Museu da Casa Dom Bosco, redigirei um apêndice especial a esta carta de meus últimos desejos, depois que ficar mais definida sua instalação;
 4. quanto à conta bancária, atualmente no Banco Real, Agência da Praça Sete, deixo três cheques assinados, entregues ao ecônomo inspetorial ou mesmo, futuramente, ao diretor da comunidade salesiana onde estiver morando.
- b) Meus últimos desejos referentes aos cuidados de minha saúde, no final de minha vida:
1. gostaria de documentar que já ofereci o resto de minha vida terrena, sobretudo minha morte, como obséquio filial à vontade divina, como oferta de agradecimento a todos que me fizeram algum benefício e pela salvação, pela felicidade material e espiritual, temporal e eterna, de todas minhas irmãs e irmãos, especialmente os adolescentes e jovens “mais pobres e abandonados” e por seus educadores e benfeitores, particularmente das unidades do Programa Casa Dom Bosco, de Belo Horizonte. Gostaria também de testemunhar que, baseado em leituras e conversas com médicos, atualmente estou convencido de que no momento exato da minha morte, aquela misteriosa separação do meu princípio vital em relação ao meu

corpo, eu nada sofrerei, mesmo que externamente dê sinais de dor pela respiração ofegante ou gemidos ou mesmo convulsões; isto não quer dizer que não possa sofrer antes do momento da morte; certamente as pessoas que participarem de minha agonia sofrerão muito mais;

2. em caso de doença grave e, sobretudo, se eu manifestar estar sentindo muitos sofrimentos e dores, se eu não puder me comunicar aos médicos ou pessoas presentes, peço aos que me acompanharem que recomendem a eles serem generosos em usar medicamentos ou substâncias que interceptem ou atenuem minhas dores e sofrimentos. Como já o manifestei várias vezes, confesso humildemente que sou muito fraco para suportar dores ou sofrimentos físicos; por isso, peço serem utilizados aqueles meios que a providência divina também através da ciência, misericordiosamente colocou à nossa disposição. Quanto ao problema de ~~esses~~ analgésicos ou entorpecentes provocarem ou aumentarem minha inconsciência ou mesmo, como efeito colateral, poderem diminuir o tempo de vida para mim, confirmam as reflexões e deliberações explicitadas no item seguinte.

- c) Meus últimos desejos caso, por enfermidade ou acidente, eu ficar em PVS, em estado vegetativo persistente (estado de inconsciência permanente, irreversível, incurável):

Na minha experiência de 60 anos de salesiano, este item não tem sido muito refletido e comentado entre nós. Somente agora, em 2003, com 76 anos de idade, li pela primeira vez um livro sobre “a morte” (O livro da “Morte Doce. Ninguém morre sofrendo”). Enfrentei também as 431 páginas do livro “Distanásia. Até quando prolongar a vida”, tese de doutoramento do Pe. Leo Pessini, camiliano, editado pela Editora do Centro Universitário São Camilo e Edições Loyola, São Paulo, SP, 2001. Conferindo a farta bibliografia deste livro, notamos que fora das

revistas especializadas sobre medicina, também em sua dimensão ética, são pouquíssimos os livros sobre esse assunto da “distanásia”. No livro do Pe. Leo são refletidos os aspectos técnicos, filosóficos, éticos e religiosos da continuidade da vida em PVS, em que pese os pormenores e repetições exigidas por uma tese de doutoramento.

As internações hospitalares

Num hospital, a pessoa deixa de ser ela mesma, de ter suas coisas, roupas e funções para se tornar apenas um paciente, tendo que obedecer regras, horários para dormir e comer que não são os seus. O paciente tem chance de recordar, reviver e re-significar seu passado. Esses três “erres” definem uma boa morte.

Nas vezes em que estive internado, era impossível para o Pe. Olímpio deixar de ser ele mesmo: a cada visita que recebia, era entregue um bilhete pedindo coisas que abarrotavam seu quarto na residência inspetorial; até coisas de comer entravam furtivamente no hospital. Enquanto podia, visitava os pacientes de sua ala, envolvia médicos e enfermeiros. Não abdicava de exercer seu apostolado.

E foram várias as internações hospitalares.

A unção dos enfermos

Pe. Olímpio preparou o roteiro para receber a unção dos enfermos. Quis que lha fosse conferida na presença da comunidade da Casa Inspetorial e dos colaboradores (mais de 60 pessoas). Descreveu o seu estado de saúde, que os médicos diagnosticaram como terminal. Depois de mostrar as finalidades do sacramento, lembra que o essencial da unção, o “Ungido por excelência, Cristo Jesus, vai ‘consagrar’, isto é, tornar sagradas as enfermidades e dores, inundando-as com sua vida divina, conferida no batismo e alimentada nos outros sacramentos.

Essa penetração do divino na pequenez humana dá uma nova dimensão e uma nova esperança de saúde e vitalidade, sobretudo orientando os sofrimentos do enfermo na vivência do espírito do amor fraterno, que Cristo manifestou tão generosamente no altar da cruz.

Assim, ele poderá, por Cristo, com Cristo e em Cristo, oferecer fraternalmente sua vida de enfermo pela salvação de tantos irmãos, especialmente, segundo o espírito salesiano, pela salvação integral dos ‘adolescentes e jovens mais pobres e abandonados’, e de seus educadores.”

No limite da doação

Tendo amado os adolescentes e os jovens, especialmente os mais pobres e abandonados... amou-os até o fim.

Num gesto de enorme grandeza, decidiu doar-se, até depois da morte: último e mais completo gesto de caridade fraterna. Por isso, encaminhou ao Conselho Inspetorial da Inspetoria São João Bosco o seguinte pedido:

Pedido ao Conselho Inspetorial para doação do corpo (24 de setembro de 2004)

Após muita oração, reflexão e aconselhamento, decidi, de livre e espontânea vontade, fazer a doação de meu corpo, após minha morte, à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, de acordo com as leis jurídicas em vigor. Como é uma decisão, por enquanto, insólita entre os Salesianos, apresentarei os motivos que me levaram a essa opção:

1. A motivação mais profunda e cristã é implementar, mesmo depois da morte, o mandamento querido de Jesus, seu “novo” mandamento, o “sinal definitivo” de seus seguidores. É a conclusão final do lavapés e da primeira despedida de Jesus, iniciadas com aquelas

maravilhosas palavras: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus, amou-os até o fim” (Jo 13,1); “Eu dou a vocês um mandamento novo: que vocês se amem uns aos outros. Como eu ameiei vocês, também vocês se amem uns aos outros. Nisso todos reconhecerão que vocês são meus discípulos, se vocês de amarem uns aos outros” (Jo 13,34).

Também Jo 15,10; 1Jo 3,11.14-18.23; 4,7-12.19-21, textos que merecem ser levados em consideração.

2. Já estão penetrando em nossa cultura brasileira a beleza e importância humana e cristã da doação de órgãos em vida ou após a morte. Se esta é uma excelente forma de caridade fraterna, sem dúvida nenhuma, é mais excelente ainda a doação do corpo inteiro; essa, além de incluir a doação de todos os órgãos aptos, também autoriza e facilita a utilização dos órgãos, tecidos, células para fins terapêuticos e para fins de pesquisa científica e para o aprendizado dos alunos.
3. A conclusão é óbvia: doar o corpo inteiro é o último e mais completo ato de caridade fraterna corporal após a morte. Está na hora de os cristãos (consagrados religiosos e seculares) colaborarem com o exemplo para incentivar essa cultura da doação dos corpos. Em alguns países da Europa e da América Setentrional, 90% dos corpos utilizados para pesquisa científica e aprendizagem dos alunos são doações espontâneas; aqui no Brasil, por enquanto, não chega a 0,5%.

Cita, em seguida, a Lei nº 9.434/97, outros dispositivos legais e anexa o Termo de Doação do Corpo à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

A chama se apaga

Pe. Olímpio voltou para a Casa do Pai na manhã luminosa e quente de 2 de janeiro de 2006.

O velório, abreviado em consequência da doação do corpo, realizou-se no salão nobre da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, onde foi concelebrada missa presidida pelo inspetor da Inspeção São João Bosco, Pe. Ovídio Geraldo Zancanella, presente o corpo médico do Hospital Universitário, numerosos amigos e voluntárias do Programa Casa Dom Bosco.

A família Reis Martins Ferreira estava representada pelo primo do Pe. Olímpio, Sr. Paulo Sérgio Reis Boardman, artista plástico e pintor, ex-aluno do Colégio São Joaquim, de Lorena, SP. Ele apresentou, por carta, os agradecimentos e sentimentos à Família Salesiana, que acolheu o Pe. Olímpio durante toda a sua vida, prestando-lhe toda sorte de apoio e carinho durante a sua doença, diagnosticada como hipo-mielo-displasia conjugada com pneumonia, causa de sua morte.

A Família Salesiana agradece à Dra. Nelma Cristino Mendonça, aos doutores Edgar Nunes de Moraes e Henrique Cerqueira Guimarães, bem como aos enfermeiros Luís e Eva as atenções com que cuidaram do Pe. Olímpio. Sônia, qual anjo da guarda, acompanhou-o carinhosamente nestes últimos anos. A todos nossa gratidão.

Brilha a aurora

Pe. Olímpio não escreveu apenas uma historinha, mas páginas luminosas de amor, de ternura, de entrega total, de olhar de sincera compaixão diante das injustiças, de entranhado amor a Dom Bosco e a Nossa Senhora Auxiliadora.

No arquivo de seu computador, havia uma poesia de Carlos Drummond de Andrade certamente de seu agrado, cujos versos finais Pe. Olímpio nem percebera que pudessem tão bem descrever-lhe a beleza da alma.

“Tem gente como você, que nem percebe como tem a alma perfumada,
E que esse perfume é dom de Deus.”

Louvamos e agradecemos a Deus a vida desse grande sacerdote salesiano com o hino das Laudes da comemoração dos irmãos salesianos falecidos:

Sede bendito, meu Deus!
Após o “êxodo”, atravessada a nuvem,
brilha mais amável vosso rosto;
alegremente baila a vossa luz
no lindo alvorecer da Páscoa eterna.

Belo Horizonte, fevereiro de 2006
Inspetoria São João Bosco
Comunidade da Casa Inspetorial
Pe. Antônio Pacheco de Paula
Diretor
depaula@salesiano.br



SALESIANOS

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

Dados para o necrológio: **Pe. Olímpio Gabriel Martins Ferreira**

* São João del-Rei/MG, 2 de maio de 1927

+ Belo Horizonte/MG, 2 de janeiro de 2006